

RESUMOS

Política, Patriarcalismo, Progresso e Pós-colonialismo: A Vida na Ficção de Henrique de Senna Fernandes

Este artigo inicia-se com um debate sobre o pós-colonialismo na literatura e acaba por sugerir que este termo abrangente não se aplica aos escritores lusófonos de Macau. No caso da ficção de Henrique de Senna Fernandes, geralmente considerado o decano da literatura macaense, apresenta-se mais produtivo recorrer à teoria literária latino-americana e, em especial, ao conceito proposto por Doris Sommer sobre o romance doméstico do século XIX, que constituía tanto a apresentação de uma expressão de valores sociais e económicos liberais, como de uma mensagem importante de construção do país. Partindo desta perspectiva, a ficção de Senna Fernandes é, por um lado, liberal e progressista no contexto de Macau e, por outro, conservadora em comparação com os projectos políticos de escritores pós-coloniais contemporâneos de outras partes dos antigos impérios europeus. O artigo analisa igualmente, com algum detalhe, as novelas e os romances deste escritor, incluindo a sua última obra inacabada, *A Noite Caiu em Dezembro*, dando indicações de que muitos dos temas e ideais contidos no seu mundo ficcional reflectem tanto a sua experiência histórica enquanto macaense, vivendo entre dois mundos cultural e socialmente muito diferentes, a sua própria experiência de vida, mas também a situação de Macau enquanto território “cidade-estado” construída essencialmente com base no comércio internacional.

[Autor: David Brookshaw, pp. 6-21]

Uma Culinária de Nostalgia: O Papel da Comida em *A Trança Feiticeira* de Senna Fernandes

Este artigo começa por reflectir sobre a importância cada vez maior que a comida e cultura culinária têm vindo a adquirir enquanto expressão da identidade de Macau nas últimas duas décadas e, em particular, dos macaenses enquanto grupo étnico num período de profundas mudanças. Aborda ainda as diversas interpretações do que

constitui a culinária macaense, que ocupa de facto uma posição central na mescla de influências com origem em Portugal, China, Índia e Sudeste Asiático. O artigo reflecte ainda sobre o papel simbólico da comida na obra de Henrique de Senna Fernandes, dando especial atenção ao que alguns críticos consideram o romance mais icónico do autor, *A Trança Feiticeira*. Neste ponto, o debate abrange não só as referências à comida neste romance, a sua relevância específica no desenrolar do drama e a importância na evocação da cultura híbrida de Macau, mas sugere também que a culinária e a nostalgia são ingredientes simbióticos fundamentais na interpretação literária que o autor faz da identidade macaense.

[Autor: David Brookshaw, pp. 22-29]

Fragmentos Picarescos *Senna Fernandinos*. Contributos Literários para a Captação do Factual da Macau Antiga em *A Trança Feiticeira* e *Amor e Dedinhos de Pé*

A literatura picaresca funde a (auto) biografia do herói com a da sociedade, usando o primeiro para parodiar e satirizar a segunda. Assim, os fragmentos picarescos contribuem para a elaboração do género em si e, simultaneamente, retratar contextos sociais, económicos e políticos. Nos séculos XVI e XVII, a pauperização da sociedade ibérica fez emergir modos de subsistência alternativos, que facultaram ao picaresco ingredientes para poder vergastar o vício e a sordidez, incursionando por temas marginais e satirizando desde os cavaleiros pretensiosos até à plebe que procurava subsistir de qualquer maneira. Embora o género não tenha sido relevante entre nós, tal aspecto não impediu Senna Fernandes de nos apresentar figuras pícaras deambulando pela Macau (e cercanias) dos anos 30, 40 e 50, quais peças de xadrez envolvidas nas complexas relações entre as três principais comunidades da região (a chinesa, a portuguesa e a macaense), e que vê estas determinarem os seus momentos de declínio e/ou ascensão. Simultaneamente, tais momentos, impregnados de factual, vão conceder

ao autor o mote para o desenho de um retrato socio-histórico que deixa transparecer a afeição nutrida pela identidade já ameaçada pela mudança, mas que, ainda assim, não deixa de ser parodiada e satirizada de forma magistral. [Autor: Carlos Filipe G. Figueiredo, pp. 30-53]

Senna Fernandes: Família, Cultura e Diáspora

Poucas foram as famílias macaenses que não participaram na diáspora. A família Senna Fernandes deu o seu contributo para que a sociedade de Macau incluísse no seu seio as pessoas que chegavam à cidade e que nela permaneceram, integrando-se nas famílias macaenses. Esta foi uma das muitas famílias que participaram nos diferentes fluxos migratórios que deram forma à diáspora durante o último século e meio. Tendo por referência essencial as informações disponíveis na obra de Jorge Forjaz, *Famílias Macaenses*, neste breve ensaio tentamos esboçar um retrato social da família Senna Fernandes, assumindo-a como um exemplo ilustrativo da sociedade de Macau e, principalmente, dos movimentos migratórios que deram origem, no seu todo, à diáspora macaense. Para cumprir este objectivo, recorremos a três conceitos fundamentais – família, cultura e diáspora – a partir dos quais nos propomos analisar o papel das famílias no processo de construção da identidade cultural da comunidade macaense, quer na sociedade de origem, quer nos territórios por onde se dispersou. [Autor: Alfredo Gomes Dias, pp. 54-60]

Escrita Escura: Macau Marginal e Mágica

Na imaginação humana aquilo que é marginal torna-se mágico em devido tempo. O estado liminar existente nas margens da cultura ameaça e simultaneamente causa emoções fortes, tal como é posto em evidência no trocadilho de um filme do Batman: a noite das trevas do mal (“*dark night of evil*”) e *O Cavaleiro das Trevas* (2008). Eventualmente, a dualidade poderá estar no Batman e na sua sombra:

RESUMOS

o Joker (brincalhão) com uma máscara de morte jovial e o Savior (salvador) com um sudário negro de luto. O morcego mau do imaginário ocidental transforma-se, através da banda desenhada da Marvel e de Hollywood, na aposta boa do herói de Gotham; um jogo arriscado que qualquer homem fantasia, o tudo ou o nada. Esta é a natureza arriscada e de duas faces do capitalismo de casino, tal como Susan Strange descreve no seu clássico de 1986. Antiga Monte Carlo do Oriente, actualmente Cidade do Pecado da Nova China, ao longo das “observações” nas narrativas ocidentais e de Hong Kong, tanto na literatura como no cinema, Macau ocupa essa margem ambígua entre ganhar (“Wynn”) e perder. O filme *Macao* de Josef von Sternberg (1952) tenta recriar o seu corpus orientalista de *Morocco* (1930), *Shanghai Express* (1932) e *The Shanghai Gesture* (1941) na linha do *film noir*, misturando criminosos com música e mistério de detectives. Timothy Mo, romancista anglo-chinês (de Hong Kong), lança a sua carreira de satirista com Wallace Nolasco, um sino-português oriundo de Macau em *The Monkey King* (1980). Em *Exiled* (2006), o realizador Johnnie To intensifica o tradicional *yi* (camaradagem, fraternidade) no seio duma Macau sem leis, o que, na realidade, retoma a paixão, sem sentido, por armas do cinema de acção de Hong Kong. Independentemente de ter lugar específica ou tangencialmente em Macau, esta cidade mantém-se em grande medida “fora dos holofotes”, até mesmo os moradores das sampanas do filme *Macao*, a preto e branco, ou a arquitectura rococó repleta de cores de *Exiled* servem de meros panos de fundo para heróis e vilões. No que toca à narrativa, Macau nunca deixou de ser extraterritorial; o seu espaço e as suas pessoas são fichas num jogo de circulação de capitais e de produção de imagens. Deste modo, tanto as narrativas ocidentais como as de Hong Kong conseguem reprimir Macau, negando o seu envolvimento no “tudo ou nada”. Macau reaparece neste delírio onírico um diamante brilhante de casinos na escuridão da noite, onde a alta sociedade e as classes mais baixas, o ouro e a sujidade, vão e vêm, tal como o movimento dos dados. [Autor: Sheng-mei Ma, pp. 61-68]

Os Descobrimientos Portugueses e o Encontro Intercultural em Macau num Poema Desconhecido de Austin Coates: “Macao”

Em 1950, o autor inglês Austin Coates (1922-1997) redige, na cidade de Manila, um poema intitulado “Macao”, que dedica e envia, por carta, a um amigo de longa data, o estudioso macaense Jack Maria Braga (1897-1988). O poema manteve-se inédito nos espólios de Austin Coates (Colares, Portugal) e de J. M. Braga (Biblioteca Nacional da Austrália, Camberra), e o presente trabalho apresenta a transcrição do desconhecido texto lírico e ainda um estudo em torno das temáticas dos Descobrimientos lusos e do encontro sino-português no enclave. [Autor: Rogério Miguel Puga, pp. 69-76]

A Obra do Escultor Macaense Raúl Xavier: Espírito do Oriente na Arte do Estado Novo em Portugal

Raúl Xavier foi um escultor muito activo em Portugal durante o período do Estado Novo, tendo colaborado na Exposição do Mundo Português em 1940. Nascido em Macau em 1894, veio muito novo para Lisboa, onde frequentou o curso de Escultura da Escola de Belas Artes, que não concluiu, tendo-se dedicado ao ensino técnico paralelamente à sua carreira artística. Aos 30 anos voltou ao Oriente, contactando directamente com as Artes chinesa e japonesa. No seu regresso dedicou-se inteiramente à escultura em todas as suas modalidades, estando hoje representado em muitos edifícios e jardins públicos e privados em Portugal e também em colecções de outros países. Nesta breve abordagem da sua vida e obra, perseguimos os traços orientais nas esculturas que deixou, sendo os mais evidentes a monumentalidade de algumas delas, contrastando com uma notável serenidade de posturas e expressões, particularmente conseguida nas figuras alegóricas e nas imagens religiosas que executou. [Autor: J. A. Gonçalves Guimarães, pp. 77-91]

O Ano do Nascimento de José Vicente Jorge

Figura marcante da Macau dos inícios do século xx, José Vicente Jorge (1872-1948) é uma personalidade parcamente

estudada não obstante o seu papel de mediador do relacionamento entre as comunidades chinesa e portuguesa e as suas intervenções na decisão e governação dos destinos de Macau enquanto advogado e intérprete-tradutor e na diplomacia luso-chinesa, nomeadamente na Legação de Portugal em Pequim, a sua influência como professor do Liceu de Macau, ou a sua actividade cultural enquanto coleccionador de arte chinesa e mentor de homens como Camilo Pessanha (1867-1926) pelos caminhos da sinologia. O texto centra-se na Macau em que nasceu e cresceu José Vicente Jorge, sumariando o contexto no qual se formou o carácter e a personalidade do homem, do cidadão e do sinólogo, de par com a modernização de Macau, descrevendo aspectos marcantes do espaço físico e do ambiente – humano, social e político – que o rodeavam, convidando a uma recreação epocal e estimulando o leitor a uma incursão numa Macau já distante se bem que ainda relativamente recente [Autor: Teresa Sena, pp. 92-108]

Auguste Borget. Um Ano na China (1838-1839)

Auguste Borget (1808-1877), amigo íntimo de Honoré de Balzac, partiu em 1836 para uma viagem à volta do mundo, tendo aportado às costas do Sul da China onde permaneceu primeiro em Hong Kong, depois em Cantão e na colónia portuguesa de Macau, de Agosto de 1838 a Julho de 1839. Este artigo começa por apresentar o lugar que Borget ocupa na história de arte e analisa a sua formação enquanto artista paisagista, reproduzindo e comentando os numerosos desenhos de natureza feitos no Sul da China, provenientes de várias colecções em França e em outros países, sendo que a maioria são obras desconhecidas. O artigo procura identificar os locais desses desenhos e, finalmente, aponta a relação com os seus contemporâneos, Charles-François Daubigny por exemplo, ou Dauzats Adrien. O texto tem, portanto, dois suportes: os desenhos e os escritos de Borget. Tanto uns como outros revelam o seu talento enquanto observador da natureza e dos homens e, conseqüentemente, a sua visão sincera e fiel da realidade chinesa. [Autora: Barbara Staniszevska-Giordana, pp. 109-124].